



E o tal dos anabolizantes? Refletindo sobre a Educação de Jovens e Adultos

Francisco José Figueiredo Coelho

Curso de Atualização em Educação sobre Drogas
Fundação CECIERJ

1. Uma introdução sobre os esteroides anabolizantes e suas ações

Em se tratando dos debates sobre os esteroides anabolizantes, o primeiro ponto a considerar é que eles não são medicamentos. São substâncias sintéticas (produzidas nos laboratórios) que atuam de forma parecida com a do hormônio testosterona - produzido pelos homens e responsável pela maioria dos caracteres masculinos, desde a virilidade ao desenvolvimento da estrutura osteomuscular. E, por esse motivo, os anabolizantes também são conhecidos como “bomba”, dado o aumento abrupto dos músculos durante o seu uso.

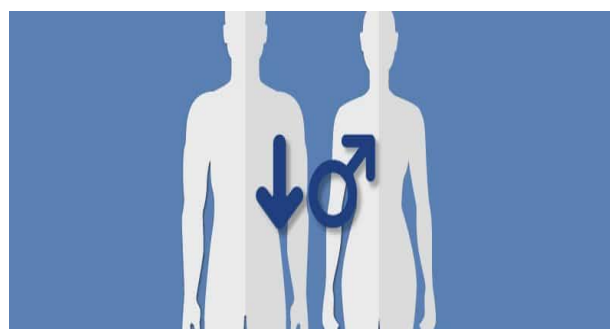
Há mitos bem curiosos sobre a testosterona. Um deles é sobre a constante e efetiva produção da testosterona pelo homem. Curiosamente, os níveis de testosterona não se mantêm constantes ao longo da vida. Como os demais hormônios, diminui com a idade. Estima-se que após os 20 anos de idade, sua quantidade diminua de 1 a 2 % a cada ano.

Outro mito comum é sobre a testosterona ser um hormônio exclusivamente masculino. Embora em quantidades muito menores, o hormônio também está presente no corpo da mulher. Nesse caso, este é produzido nos ovários e

nas glândulas suprarrenais, tendo entre suas funções auxiliar o processo de reprodução e também auxiliando no aumento da massa muscular e na disposição física (MORAES, CASTIEL; RIBEIRO, 2015). Também nas mulheres está associado com a libido, favorecendo que elas sintam mais apetite sexual.

Biologicamente, no homem, a testosterona tem dois efeitos diferentes no corpo: um que chamamos de ANDROGÊNICO e o ANABÓLICO. Os primeiros estão associados com as características essencialmente masculinas, como o tamanho dos testículos e do pênis, a mudança gradativa na voz do adolescente, o surgimento e crescimento de pelos no rosto e corpo, a virilidade e até mesmo a agressividade. Já os efeitos anabólicos, estão associados mais diretamente com o aumento da massa muscular, da força, com a capacidade do músculo de se regenerar e até com o controle de gordura do corpo.

Figura 1 – Mitos da testosterona - Embora em doses reduzidas, as mulheres também o produzem. Em ambos os gêneros, suas taxas diminuem com o passar dos anos.



Fonte: <https://tinyurl.com/vdyqhsa>

Embora tenham similaridade de atuação, o esteroide anabolizante não é a testosterona natural. E, por isso – mesmo que atue no corpo de forma parecida – os anabolizantes costumam apresentar um MAIOR EFEITO ANABÓLICO e UM MENOR EFEITO ANDROGÊNICO. Agora talvez fique



mais fácil você entender porque uma pessoa que usa anabolizantes fica bem forte rapidinho.

Na realidade os anabolizantes não devem ser considerados como vilões. O desconhecimento sim. Há indicações clínicas para o aumento de força e massa muscular, mas nunca de forma desorientada. Inclusive, podem ser adotados pelos médicos em casos graves de saúde, como, por exemplo, o hipogonadismo (quando as gônadas não produzem quantidades adequadas de hormônios sexuais), quimioterapia para alguns tipos específicos de câncer e reposição hormonal para o sexo masculino, devido a algum trauma, como sinalizado nos estudos de Parra, Palma e Pierucci (2011).

Figura 2 – Os anabolizantes podem ser indicados em situações específicas, como o hipogonadismo.



Fonte: <https://tinyurl.com/sseubfx>

Seja de forma desorientada e/ou abusiva, o uso de esteroides anabolizantes pode culminar com efeitos adversos não esperados e que também podem impactar no âmbito estético. O aumento da libido, o crescimento do pênis e do clitóris, o aumento de pelos no corpo e na face, o engrossamento da voz em mulheres e prejuízos na espermatogênese (produção dos espermatozoides) são algumas das consequências que alguns desconhecem ou não se importam. Sobretudo nos

adolescentes e homens mais jovens, é comum o aumento da secreção nas glândulas de gordura e isso facilita o surgimento de acne (GUIMARÃES *et al.*, 2012).

2. A incidência do uso de anabolizantes entre jovens e adultos: algumas desconstruções e reflexões

No que tange o uso de anabolizantes, em termos educativos, duas questões são preocupantes: a primeira é o **consumo abusivo** e segunda, o **consumo ilegal**. Quanto ao consumo ilegal, os estudos de Gorini e colaboradores (2015) destacam que parcela dos usuários de anabolizantes são os jovens adolescentes, atletas recreacionais e mulheres. E, nos três casos, costumam a fazer uso inconsciente devido à importância que é dada à estética corporal.

Outro estudo, realizado por Oliveira e Neto (2018), revelou um ponto intrigante: que o número de mulheres que fazem ou fizeram uso dos anabolizantes foi bem maior (52,2%) do que o de homens investigados (47,8%). Isso evidencia que a prática impensada e/ou abusiva e/ou ilegal não é peculiar do público masculino. Segundo os cientistas, as mulheres praticantes de musculação têm buscado opções similares às dos homens para o maior ganho de força e hipertrofia muscular. Comumente ações policiais da polícia civil - como a operação tarja preta ou a operação fitness - revelam a gama farmacêuticos, *personal trainings* e outros profissionais filiados às clínicas de estética e academias de forma ilegal e usuárias mulheres envolvidas.

Tanto os estudos de Gorini *et al.* (2015) quanto os de Oliveira e Neto (2018) nos traz elementos para questionar à prática do consumo de anabolizantes como algo



exclusivo do gênero masculino. E não apenas para as mulheres, mas também para os adolescentes em geral. E esse fenômeno pode estar relacionado às grandes imposições estéticas da sociedade que aliena as gerações mais recentes para uma constante determinação por mudanças, como pontuam Mhillaj e colaboradores (2015).

Figura 3 – Apreensões de esteroides anabolizantes e outros medicamentos na operação Tarja preta, em Fortaleza, realizada pela polícia Civil.



Fonte: <https://tinyurl.com/roxcgey>

Essas pesquisas nos evidenciam como a inquietação dos mais jovens para manter a boa forma via modificação estética pode se filiar a outros mecanismos de emagrecimento ou corpo desejado. Nesse contexto, Mhillaj e outros cientistas (2015) lembram que esta alienação pode vir associada com outras substâncias e drogas. À título de exemplo, anfetaminas, cocaína, sibutramina (para tratar a obesidade), vários gêneros de antidepressivos, uma dieta rica em alimentos considerados termogênicos e suplementos alimentares de várias ordens são caminhos alternativos na busca do atingimento do corpo desejado.

3. Considerando um caminho viável

Diante dessas evidências, algumas indagações são pertinentes e podem nos ajudar a pensar o âmbito pedagógico: será que esses usuários (jovens ou adultos) reconhecem seus efeitos adversos? Especificamente com o público adolescente, será que os seus pais ou responsáveis legais (re)conhecem as práticas desportivas desses jovens? Ou seriam eles desinformados o suficiente para não perceberem mudanças tão abruptas nos corpos juvenis em tão pouco tempo? O que será que a escola faz ou pode fazer quando identifica tais questões?

Figura 4 – Conversar de forma acolhedora e ouvir as questões dos jovens ao invés de prescrever e reprimir podem estimular outras visões que reduzam danos à saúde.



Fonte: <https://tinyurl.com/sjl4ccu>

Dadas essas questões, o investimento educativo da escola pode oferecer momentos de escuta e fala desses jovens, desenvolvendo reais espaços de diálogo e aprendizagem sobre drogas e outras substâncias com potencial para usos abusivos (COELHO, 2019). Diante disso, a grande indicação é a fuga das abordagens impositivas e prescritivas sobre o uso de medicamentos e outras substâncias.

Como lembra Coelho (2019), não parece convidativo sensibilizar pela repressão. Conquistar o adolescente, se



mostrar acolhedor e ouvinte pode ser um primeiro passo para receber os anseios juvenis e entender os diferentes motivos (inclusive resultantes de bullying e outros conflitos psíquicos).

PARRA, R.M.T.; PALMA, A.; PIERUCCI, A.P.T.R. Contaminação de suplementos dietéticos usados para prática esportiva: uma revisão de literatura. **RBCE**. 2011;33:1071-84.

Referências

COELHO, F.J.F. Educação sobre drogas e formação de professores: uma proposta de ensino a distância centrada na redução de danos. 245 f. Tese de Doutorado. Instituto Oswaldo Cruz, Pós-Graduação em Ensino de Biociências e Saúde. Rio de Janeiro, 2019.

GUIMARÃES, F.A.G.; SANTOS, G.M.; SILVA, C.M.A.; BALÇA, F.F.; ZOGAIB, I.R. O uso de esteróides anabolizantes e doping: o nível de conhecimento de atletas da natação e atletismo. **Rev. Ceciliana**. 2012;4:83-85

GORINI, L.S.; SILVA, D. K.; ALVES, D. M.; ROSSI-JUNIOR, W. C.; ESTEVES, A. Efeito de doses supra fisiológicas de esteroides anabolizantes androgênicos no cerebelo de camundongos. **Rev. Ceciliana**. 2015;4:83-85.

MHILLAJ, E, MORGUESE, M. G.; TUCCI, P.; BOVE, M.; SCHIAVONE, S.; TRABACE, L. *Effects of anabolic-androgens on brain reward function*. **Frontiers in Neuroscience**. 2015; 9:1-13.

MORAES, D.R., CASTIEL, L.D.; RIBEIRO, A.P.P.G.A. “Não” para jovens bombados “sim” para velhos empinados: o discurso sobre anabolizantes e saúde em artigos da área biomédica. **Cad Saúde Pública**. 2015; 31:1131-40.

NOGUEIRA, F.R.S.; BRITO, A.V.; VIEIRA, T. I.; OLIVEIRA, C. V.C.; GOUVEIA, R. L. B. Prevalência de uso de recursos ergogênicos em praticantes de musculação na cidade de João Pessoa, Paraíba. **RBCE**. 2015;37:56-64.

OLIVEIRA, L. L.; NETO, J. L. Fatores sociodemográficos, perfil dos usuários e motivação para o uso de esteroides anabolizantes entre jovens adultos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. 2018; 40:309-317.